

Paisajes e Masas Industriales.

Prologo.

As impressões externas produzidas pelos
seus objectos correspondentes, dão origem
a certos movimentos ou sensações que
~~tem~~ ^{tem} o nome de paixões, e quanto
que, estas impressões, são ou não agra-
dáveis, o individuo affaga ou repelle
o objecto que as produziram; não pelo
objecto em si considerado; mas sim
pelas impressões que elle produzca.

Ora, como bem se vê, não é o objecto,
senão as impressões que elle produzidas,
nos organos correspondentes, que cau-
sam este agrado ou repulsaõ.

Além disto, é preciso considerarmos
que todos estes movimentos ou sensa-
ções, se operam espontaneamente e
independente tanto por parte da intelli-
gencia como da vontade.

A paixão, portanto, é um movimento
mais ou menos violento que, quando
se approva do individuo, o impressio-
na de um modo agradável ou des-
agradável, produzindo no physico mo-
dificações mais ou menos notaveis
que se manifestam pelo concupisci-
vel ou irascivel.

É precisamente a estas modificações
que damos o nome de paixões, ou
movimento de sentimento ou sentimento.
Não obstante isto, costumamos attribuir á
alma as modificações que as paixões socm
necessitar no physico; porque, estando a
alma unida substancialmente ao corpo,
todas estas modificações organicas ~~com~~
reflectem na alma; assim como os movi-
mentos d'alma reflectem, por sua vez,
rebatendo no physico.

É não só por este motivo, mas ainda porque, sendo a alma a parte mais nobre do composto humano, a ella costumamos attribuir tudo quanto no homem se passa, ainda que os phenomenos tenham por sujeito o corpo humano informado da pura alma.

As paixões bem ordenadas e orientadas, constituem um precioso meio para nos elevarmos diante de Deus e progredirmos na perfeição christã.

Infelizmente, porém, não succede assim, porque a maior parte dos homens, se servem do corpo, para dar expressão ás suas paixões e mais instintivas.

No que revelam a maior e a mais temeraria ingratidão, qual é a que elles manifestam, servindo-se do corpo para offender a Deus e merecer o seu bem estar espiritual. E este quereculo tem por fim remediar em quanto é possível, sob o influxo da graça, as tristes consequências da culpa de origem, procurando reestabelecer aquelle equilibrio sobrenatural, entre o corpo e a alma, do qual depende o nosso bem estar espiritual tanto no tempo como na eternidade.

Capitulo I. manifestações do estado
morbido d'alma.

A falta de coespostura no vestir,
no andar e no enternar-se
pelo gesto, pela palavra e a ex-
pressão do semblante, revela quasi
sempre o moral do individuo
que, em geral, coincide com
um estado morbido phisico
ou somatico.

No primeiro caso, o individuo
procede conscientemente, muito
embora, sob a acção de uma
espécie de allucinação passagira,
que outra causa não é senão
um reflexo do estado da ma-
alma.

No segundo caso, elle age como
um ser inconsciente, vergando
inconscientemente, por falta de
perfecto equilibrio dos seus or-
gãos organicos ou inorga-
nicos.

Quando estes dous estados se encontram
reagem um sobre o outro, e
individuos não se chegam até
as fronteiras do licito; poron-
to avinda mais longe, ultra-
passam estas dividas; rompem com
as conveniencias sociais, tornando-
do-se, por este mesmo facto,
intoleravel.

Pelo que, o exaggaro capcioso
amoroso, principalmente no
vestir, revelam um natural
muito propenso ao mal a
que tende ao mal, levado
por um instinto atavico
ou fun de familia, que
o impelle a voltar ao local
d'onde elle surgiu; e que, depois
de um exilio miseravel,

4.
ainda mesmo através de varias
quæçes, costuma a manifestar-se
muito raras vezes, com maior in-
tensidade e requinte, a não m-
que a tute de pessoas fracos
mente neuropathicas ou doentes.
Pelo que, logo após as primeiras
manifestações da tendência do
mal, sobretudo tratando-se de
pessoas taradas, é necessario,
com sempre, obstar ~~o~~ ao crescente
propensão ao mal, ainda que
inconscientemente; mas que, sob
formas varias, cada qual mais
especiosa e disfarçada, se
manifestar - e sem que as
pessoas incumbidas da sua edu-
cação, levem a mal, pela
extrema e alto conceito que
fazem destas creaturas, dignas
de melhor ^{sorte} ~~sorte~~, principal-
mente se são boas e meritam
um certo pundor para a privação.
A graça, que, ~~então~~, nunca falta
aos meus humanos apro-
priados, põem com grandes
vantagens, removendo ~~as~~ obstá-
culos, ^{que} ~~as~~ ~~quas~~ ~~torças~~ ~~as~~ ~~três~~
as arrastariao ao mal, e,
muito raras vezes, antes de a
conheciam, para mais tarde,
constituirem ~~uma~~ ^{uma} ~~regem~~ ^{regem} na
tunga.

Capítulo II. Sobre o appetite sensitivo e intellectual

O corpo, informado pela alma, tendo, instintivamente, como o bruto, ao objecto que o impressionou, sem absolutamente se preoccupar de que possa haver de lícito ou ilícito, de estético ou antiestético, com tanto que, nesse objecto, queira alguma coisa que lhe convém, levado exclusivamente pela lembrança de prazer material que adquiriu ou instinctivo. E porque não é só o corpo nem só a alma que prevalece e sentem no homem; mas sim, o mesmo homem, que resulta da união substancial e physica da alma com o corpo, qualquer modificação ou alteração que se dê na alma ou no corpo, o homem sente-a. E de tal maneira que poderá, profatamente, mediante uma acção reflexa, conhecer, não só que querê-lo e não; mas ainda poderá distinguir estas modificações e classificá-las, segundo que ellas têm por objecto a alma ou o corpo. Ora, estas impressões, tanto por parte do homem superior como do inferior, contrarias à lei divina e à razão; e que se dão independentemente da vontade humana; ou, ora não existam, porque a vontade por sua natureza, como acima disse, tendia somente ao bem; por isso, depois da culpa de origem, elle não só pode tender ao bem, mas ainda ao mal, porque permanece igualmente livre.

Mas não obstante isto, pelo facto de elle poder tender ao bem por sua natureza, e nos ha permitido prosequir-o,

com tanto que, tendo em mente a lei
divina e attendendo aos dictames
da razão, nos colloquemos em con-
dições ^{favoráveis} ~~favoráveis~~ para reagirmos
contra as paixões desordenadas e os
maes instinctos. Porque, neste caso,
a graça communica-nos - ha
aquella força que a culpa ori-
ginal nos a arrebatou; a fim de que,
reprehendidos pelos merecimentos de
C. Christo, possamos voltar ao primitivo
estado de graça e rectidão, que ainda
nem se estenda ás im-
perfeições inherentes á nossa natureza
decahida, se nos ha fôr a agio-
nos indirectamente sobre elles, e exer-
^{cer} ~~exercer~~ o mais amplo dominio que
~~possa sobre o homem~~ ^{de} ~~o homem~~ ~~o~~ ~~homem~~
o homem é capaz de exercer sobre
si mesmo.

Capítulo III. Tendências do homem.

O homem, pelo facto de ser um composto de alma e de corpo, sente-se inclinado, como animal, ao particular e concreto e, como ser racional, ao immaterial e universal.

É esta dupla inclinação que encontramos a razão porque o homem, apesar de ser uma creatura racional, sente-se inclinado, como o animal, a tudo o que se refere a propria conservação e à da espécie, verificando-se o mesmo, com relação ao immaterial e espirital; não obstante elle participar da natureza do animal.

As tendências tanto do appetite sensitivo como do intellectual, consentaneas à sua natureza, bem orientadas, ~~contribuem~~ podem contribuir para o seu bem estar e a ~~seu~~ felicidade; quando, porém, desordenadas, só poderão contribuir para a sua ruína e infelicidade; ainda que sejam em si boas, e com mais razão, se forem más; pois que a felicidade do ser, está precisamente em se approximar cada vez mais da perfeição inherente à sua natureza. Pois, as tendências desregadas do appetite sensitivo, engendram as paixões propriamente ditas, as quaes têm sua origem nas máis instinctos e herdamos de nossos primários pais; assim como as peccadas da intelligencia, tem a sua origem no appetite intellectual mas orientado.

Capítulo IV. O mau habito.

O mau habito constitue uma enorme guarda naturiza, que reforça e facilita as más tendências que comtigo acarretou a culpa original. É bastante, muitas vezes, sem o acto para o formar ou adquirir-se.

O mau habito quando inveterado, não poderá ser vencido sem uma graça especial de Deus e um supremo esforço da nossa vontade. Porque, em geral, elle presuppõe uma perturbação das faculdades, occasionada pela excitação escabrupta que o objecto presente ou imaginado, se produz, deixando o individuo em um estado quasi que anormal, embora consciente, no qual a intensidade da paixão desordenada supplan- ta o poder inibidor da vontade e o arrasta ao mal. Não obstante isto, elle é culpado, a não ser que se prove o contrario; porque elle presta, pela experiencia do passado, power perpetuamente que muitas actas sem autum indiffe- rente; para elle, pelo mau habito adqui- rido, constitua uma occasião proxi- ma de peccar.

Julgar, porém, se elle peccou ou não gravemente, não é tão facil. Em todo caso, se por qualquer motivo independentemente da má vontade, elle entrar logo em tentação e não reagir, podendo e devendo reagir, é preciso dizer que elle peccou; e no caso contrario, é necessario que se classifiquemos entre os ~~impeccabiles~~ ^{impeccabiles} naturaes ou diabolicos; principalmente quando elle tem consciencia que não podendo resistir physicamente, ~~se~~ resistiram moralmente, isto é, com a vontade.

Capítulo VI. Consequencias do mau habito.

O mau habito, contrario á natureza, constitui uma verdadeira perversão das mais nobres instinctos, que acompanham o individuo por toda a parte e por toda a sua existencia, e se tornar chronico ou inveterado. Porque elle será para o individuo uma como segunda natureza; p^{er}fecta perversão, principalmente do instincto da preservação, revela uma p^{er}turbação das faculdades intellectuaes, que se podem levar até á demencia ou alienação; principalmente se o mau e as accessões forem favoraveis para produzir a explosão de suas paixões e mais instinctos ^{nao bem} ~~maus~~ (contidos).

Muitas entre ellas negam com firmamento as actas degradantes por elles praticados; e ha outras, que quando são aprehendidas em flagrante, ou calam ~~baixos~~ humilhados e chios de confusão, ou confessam cypticamente seus crimes.

Em geral, tais individuos ou vem parar em uma cadeia ou em uma hospicia de alienados, ou acabam seus dias miseravel morte, porque se tornam publicos e notorios e detestados pela sociedade, que os repella como seres abjectos e perigosos, porque por onde passam contaminam o ambiente, fazem causa commum com outros seres como elles tambem degenerados.

Capitulo VI. A culpa original e suas
consequencias.

O homem que, antes da culpa original, era semelhante aos anjos, ^{tem} ~~tem~~ (mas tendencias e aspirações, depois desta queda tão fatal, horror - e um mar de azas, empolhadas e materializadas, cuja nota ^{dominante} ~~característica~~, é mostrar-se, muitas vezes, mais inclinado ao mal do que ao bem.

Assim é que, depois da prevaricação de nossos primeiros pais, caminhando por esta terra, com passos incertos e vacillantes, elle se esforce para libertar-se das consequencias da culpa original; porém, em vão. Porque, quanto, abandonado a si proprio, e sem outra morte a não ser a que lhe offerece a triplice inimigo da humanidade; qual valle de lagrimas, irã de encontro as esaltas do mar furuloso da vida ~~Adversidade~~, ~~consequencia~~. E é realmente triste contemplar-o nesta lucta ingente em que, a culpa de origem, se arroja. Porque, conquanto decaido do primitivo estado de graça, he necessario em que elle se transfigure para dar e o amôr, e da a conhecer que tem consciencia que não foi creada para o tempo, mas sim para a eternidade.

Sublime fatura do Omnipotente plasmada ainda nas arvores da creação a sua imagem e semelhança; elle não pratica desrejar de entôr-se inclinado a procurar a sua felicidade sem Deus. E não obstante isto, allucina-se, a procura nas creaturas. Mas,

lun presto, convencido de um erro, voltar-se-
 ha para Deus, qual filho prodigo; porque,
 encoberto por Deus para si, angustiado vivirá
 sempre o seu coração um quanto nelle
 não se resolve a repousar tranquillamente.

Capitulo VII. Sobre o homem animal e racional.

O corpo humano animado pela
 alma, age e reage. Pelo que, quando aban-
 donado aos recursos da propria natureza
 decahida, e sem outra direcção a não
 ser a do seu instincto animal, agirá
 por conta das suas paixões, talqual como
 se fora vitalizado por uma alma sen-
 tiente e do bento, e com mais acerto
 e efficacia, porque a sua estimativa
 ou discernimento, participa das attri-
 butos das faculdades da alma dos seres
 racionais.

Succedida, então, com elle o que se dá
 com um vehiculo sem conductor. Deixar-se-
 ha levar por caminhos desconhe-
 ridos, muito acidentados e assaz peri-
 gosos.

Pelo que é necessario fazermos violencia
 a nos mesmos; porque o homem
 animal, por mais feroz e appa-
 rentemente indomavel, com o an-
 xio da graça, a tão vontade e a
 perseverança, não só pode, mas deve
 ser domado e subjugado pela o
 homem racional. Consequentemente, se no homem,
 a vontade intellectual, se descan de-
 minuar pela vontade sensitiva
 ou a appetite sensitiva, acabará por
 destruir a vontade.

Capítulo VIII. As duas tendências.

Ha, em cada um de nós, duas tendências; uma, que nos inclina ao bem e a outra, ao mal. E se J. Christo, nosso adoravel Redemptor, não tivesse baixado do céu á terra, a humanidade seria fatalmente absorvida pelo vortice que a culpa original provoca e que, desde esse dia, até antes da vinda do Messias, parecia querer tingal-a e avial-a para as antas infernaes.

Dahi, as gemidas do Apostolo das gentias, quando, no intuito de subjugir o seu corpo ao mais severo dos castigos, e castigava, para que, pregando a J. Christo, não viesse a perder-se, como allegava por humidade.

E são grandes e continuas eram as investidas que lhe fazia o terrivel inimigo do homem, que chegou a dizer que devia morrer para se libertar do carcere da natureza e unir-se intimamente com Christo. Que um outro homem assim se esgotasse, não nos surpreenderia; mas que Paulo, assim a toda a S.ão, é o que, não só nos admira, mas ainda nos enche de pavor e nos faz tremer. Pois Paulo que fora arrebatado ao céu; Paulo, a quem J. Christo conferiu na estada de Damasco. Paulo, o Apostolo das gentias, de quem J. Christo se servira para dilactar o seu reino sobre a terra; Paulo, numa palavra, que fora confirmado em

graça; extenuar-se, não obstante
isto, desta forma; eis aqui o que
não poderíamos compreender de
um acreditar, se as Sagradas Pa-
ginas não nos affirmassem,
E a Paulo, apóstolo de tão favorecido,
tão santo, tão mortificado e tão
cheio de abnegação, opprime-se
Deus que elle soffrime as tristes consequen-
cias da culpa original; não nos deve-
mos surprehender que para a purifica-
ção e santificação de nossos almes
Deus permitta que experimentemos as
consequencias destas tendências e re-
belião da carne contra o espirito.

Capitulo IX.

Da concupiscencia.

E' a concupiscencia um desejo
ou movimento desordenado, que
quando tem por sujeito a intelligencia,
constitue o peccado do espirito, e quando
tem por sujeito o corpo informado pela
alma, constitue o peccado da carne.
A origem da concupiscencia a en-
contramos na culpa de Adam. Porque,
antes que elle peccasse, a concu-
piscencia não existia, nem podia
existir; pois, tudo no homem, tanto
na natureza do seu corpo como
na sua alma e as suas faculdades,
era bem ordenado; porquanto era
na Deus o homem em estado de
graça e rectidão.

Mas se era boa a alma, com todas
as suas faculdades, se era bem tam-
bem o corpo com todas as suas ten-
dencias, porque peccou Adam?...
Porque a sua vontade se tornou
deficiente.
Mas não era tambem boa a sua
vontade?

Antes da culpa, elle exercia um
dominio absoluto sobre si. A
sua vontade estava sujeita a
do homem animal, a qual somente
opunha, quando o homem racio-
nal o determinava, e no tempo
e pelo tempo que elle o determinava,
e um absolutamente passiva a
agitar o seu ^{animal} psychismo inferior.
E as operações, reunidas, ao exerci-
multiplicar-se, se foram multi-
ples, e foram confirmadas
no estado em que havia sido creado,
suas operações como as das outras
sentidas, um que absolutamente par-
ticipavam, como hoje, do furor da
concupiscencia que precede, acan-
ponha e arrasta a morna alma com
tanta mais pertinencia, precisamente no
momento em que elle deveria voltar
em hymno ao Colector, unindo-se
cada vez mais a elle, para depois,
sem que passasse pela morte, unir-se
definitivamente.

Aqui é que, o que havia de indeco-
roso para Adam, depois da culpa e
que o levava a solidão, não era a
que Deus instituiria; mas sim, o que
o seu furocado estava em si e ~~o~~
a transmittira a todos os seus descen-
dentes, ~~como uma herança de um fa-~~
~~cto.~~

Capitulo X.

Paixões e más instinctos.

O homem tem suas paixões e
inclinações desordenadas.

Submetter as más paixões e os más
instinctos ao dominio da razão,
milarecida pela moral christã,
a qual é o dever e obrigação

Sim, ella era boa.

E se era boa, porque se tornou má?..

Porque, posta em provação pela tentação se tornou desobediente. Tentada, comebui a peccada e cediendo a tentação, fructificou.

Mas como podia Deus dispor as causas de tal forma que a primeira mulher não padecesse na tentada o que, tentada e enganada pela serpente infernal, não conseguisse que o seu marido incorresse na mesma culpa?

Podia, não ha duvida.

Mas porque o não impediu?

Porque não estava nos planos de uma economia divina, fustigar e muito menos agir como nós que não temos sempre nem um mesmo fustiga-mento nem uma mesma vontade.

E se não fôsemos hereditarios neste mysterio, é porque, alem de nossos vicios contingentes, não premitimos a aquellas necessidades sobrenaturais, em virtude das quaes, o que nos parece infernal, e repugna a razão humana, se tornaria muito claro e evidente.

Comprehende-se agora, pela que dispymos sobre a natureza da concupiscencia, porque é que tendo a primeira mulher peccado, logo após a sua queda, se organtou de si proprio e foi se escaudor; pois, fustidum em si alguma causa que ante ora não existia, nem elle continencia nem jamais espuriscentam.

E foi precisamente este triste e humilhante conhecimento, que o levou a occultar-se. Porque,

de todo ^{ou} começar que ainda um 16.
te, se inspira e se emociona.
E' difficil, me diris, forem, não é
tão difficil como suppondes, principi-
almente se candidardes as tuas
consequencias da falta deste dominio,
e as grandes vantagens que elle traz
comigo para aquelles que empregam
todas as forças no intuito de o conse-
guirem.

E que o digam seus furios do mundo,
que, por motivos muito humanos,
conseguiram, em parte, enfocar
as suas paixões e mais instinctos.

O que se fez preciso, neste caso, é des-
cobrir a razão pela qual, não obstante a
boa vontade do individuo, elle permanece
impotente ou irresoluto para reagir con-
tra as suggestões das suas paixões desor-
denadas e errais instinctos.

Ora, se remontarmos á origem destas ac-
ções, que deprimem contra a integridade
moral e racional do individuo, chega-
remos á estas conclusões que, se assim
meceide, é porque elle perdue a sua
liberdade, muito embora, pela falta de
não experimentar nenhuma repressão
ou coacção, a não ser a de sua propria
consciencia, suppondo que não perdeu a
sua liberdade. Mas se elle assim pro-
cede, é porque vive num falso sup-
posto, qual é o de pensar que a li-
berdade consiste em usar della a seu
belprazer, sem attender á licitude de
suas actas.

Bem sei que para alguns, as vezes por
causa da impetuosidade das paixões
e o impulso das mais instinctas, se
torna quasi impossivel agir annu-
giando contra o mal. Mas, num por-
tanto, deverão dar-se por vencidos;

porque quando não puderem resistir physicamente, poderão, em todo caso, resistir moralmente; isto é, com a vontade.

E esta resistencia será ainda mais munitoria e proveitosa, quando o mal, se não em si, ao menos em causa sua ou indirectamente, se manifestar pela tentação.

O dominio, portanto, para que seja completo ha de fornecer toda e qualque modificação ingrata por natureza ou devido a constituição organica do individuo ou ao mau habito adquirido.

Capitulo XI.

A tentação.

Tentar é synonymo de investigar ao mal.

A tentação, portanto, pressupõe um agente, que pode ser espirital ou material. E como o homem é um composto substancial de alma e corpo, a tentação pode ter por objecto a alma ou o corpo informado pel' alma. Em todo caso, é sempre o homem que é tentado e, por consequente, o unico responsável pelos seus actos.

Seu senhor de mas faculdades inorganicas e organicas e até onde o seu dominio pode estender-se, é a base sobre a qual arremta a perfuração christã, mystico arsenal de guerra onde encontramos as armas mais apropriadas e onde se combinam os planos de ataque e de resistencia os mais acertosos e efficazes para enfrentar os inimigos de nossas almas e levá-las a victoria.

É essas sollicitações para o mal, as quaes constituem verdadeiras luctas entre o homem animal e o racional, só devendo temer-as quando as procuramos imprudentemente e nos expomos a ellas. Porém, se lembrarmos-nos, que, ainda n'estes casos, podemos affazar uma boa esperanza, quando em tempo o presentimos e convencidos da nossa timidez e imprudencia, e temendo as suas consequências, nos voltarmos immediatamente para Deus, sem absolutamente nos preoccuparmos com o que pela mente ou o coração possa por ventura passar inclinando-nos ao mal.

Porém sei que com tal resolução, em casos como estes, ^{presuppõe} ~~imprudencia~~, n'esta vez, um acto heroico. Mas, num mesmo acto pensarmos deve nos desanimar; porque o reconhecemos que para agir e reagir em sentido contrario, importa um acto heroico, é já uma consequencia de havermos esquivado á guerra e que Deus combate comnosco, para logo, após a refrega, nos consolar.

É necessario, portanto, orar e vigiar constantemente; isto é, não perdemos de vista a Deus n'estas emergencias, afim de não estarmos ou não entrarmos em tentação. E não temamos que esta continua vigilancia e continuo estado de promptidão para invitar e resistir ao inimigo, passa com o tempo; escurtear-nos, tornando-nos menos aptos para lucta; porque isto não passa senão de uma verdadeira tentação.

19.
pois, é precisamente neste estado
e continuo apaulamento e promptidão,
quanto menos implicito, que repousa
a garantia da victoria, da paz e
da tranquillidade do espirito.

É é justamente este facto, apparente-
mente contradictorio, que mantem
em pé de guerra as ~~hostes~~ hostes
agorridas dos exercitos do Deus de
Sabaoth.

Que importa, pois, que independentemente
de nossa vontade, o mundo,
a carne e satana, procurem in-
fidiar as nossas paas, ponha
mil obstaculos a que marchemos
em direcção ao bem pelo geral
semos errados; ainda mesmo
que como Paulo, sob a pressão
da tentação, tenhamos muitas ve-
zes de bradar aos Céos que degra-
mos morrer para nos unirmos
unirmos a Christo, se nossa bor-
ra de infernas angustias, nos
recarrega aos suvidos d'alma aquel-
las animadoras palavras: Basta-te
a minha graça; pois, é precisa-
mente na tentação que se apura
cada vez mais o ouro das virtudes
que conduzem á perfeição.

Capitulo XII.

A segunda natureza.

Tratando-se de individuos que
evaram em si uma como segun-
da natureza, que os impede de pro-
ceder de conformidade com o que
crêem e professam, não obstante
a boa vontade e os firmes propósitos,
é preciso agirmos com muito cri-
stão e prudencia.

Pelo que, se separarmos com

nascidos, segundo os meios the-
rapeuticos e prophylacticos os mais ade-
quados, que duram no preterito em
pratica escrupulosamente e com um
certo criterio, pelas leis em prova -
quelles que fazem as suas regras. Porque
a educaçao phisica sob todos os
aspectos, deve - se considerar - a
como o factor ou fundamento
da vida e educaçao moral, religio-
sa e intellectual.

Humanamente fallando, toda e
qualquer outra educaçao, sem a
da parte organica, não sempre de-
futuosa e deficiente; porque sendo
o homem um composto substancial
de alma e de corpo, se bom ou
mao desenvolvimento ou atrophia-
mento, submetendo das orgaos corres-
pondentes a vida de relacao, depen-
derá o bom ou maos funcio-
namento das partes que os compoem,
e, por conseguinte, das operacoes ou
funcoes do psychismo ^{mental} inferior.
E dahi o antigo axioma: Mens
sana in corpore sano.

Capitulo XIV.

O maos habito e a ociosidade.

O maos habito faz convergir,
para o objecto real ou imaginario,
toda a actividade e energia da
alma, que num dado momento,
se lhe apresenta como o ponto mais
attractante, e que, muitas vezes, antes
que a vontade se determine, tudo se
promptificaria a - ~~se~~ para malizar
ou rebaixar ao acto, o que o appeti-
to ~~united~~ suggerir em virtude
do maos habito adquirido.

Entre os dizeos o individuo mais
proximo do illicito que do licito,

ser-lhe mais difficil retroceder
do que avançar.

Convinha-se, entao, constangencia,
tal qual como o vigante que
foi surprehendido na estrada pelos
ladrões, e que tolhido e arrastado pelo
mao' habito, entregou-se-lhes.

O que em tais emergencias ha-se de fazer,
é resistir com a vontade, quando desido
ao mao' habito, adquirido ou ao
automatismo, se tornar physica-
mente impossivel resistir. Pais, o mao'
habito inuctuado, cria no individuo
uma especie de dualidade; uma
que repraesenta e clama não ser licito;
conquanto que a outra, surda ás
vozes da consciencia e da razão, se
arrasta á justificação.

Mas, não por isto, tais individuos
deiscam de ser culpados, nem
que se podem provar ou reconhecer
que elles procederam com pleno conhe-
cimento; conquanto a violenta coac-
ção proveniente do mao' habito,
constitua um atenuante a seu
favor.

Entre as pessoas piedosas, e que con-
tinuam um mao' habito ou
que vivem em continuas luctas
com suas paixões e maus in-
stinctos, encontram-se muitas
que se expõem temerariamente
e imprudentemente aos perigos, se não
de fuzar, ao menos de entrar em
um tentação, sem que não obstando
isto, haja um motivo serio.

Estas pessoas se evitam systema-
ticamente tambem estas occasiões,
muitas, devido ao mao' habi-
to, para elles constituem

ocorrências próximas de peccar; 22
esta curta que venião, quasi por
incanto, diminuir as tentações
e descurião de cahir em culpas
graves.

A intemperança no comer e no
~~de~~ beber, para alguns, e para
todos a ociosidade, são geralmente
os estados mais apropriados para
semelhantes devogações acerta-
das, principalmente quando se vive
quasi que habitualmente em ocio-
sidade; pois, é na ociosidade
que a phantasia e a memoria,
pondo tudo em aborrego e auxi-
liando-se mutuamente, degra-
dam a sua actividade, pregando
a anarchia dos sentidos e a rebel-
ião da carne.

É necessário, portanto, que se combata
efficazmente esta torção moral
da intelligencia e fragueza
de vontade para com tudo que
requer um pouco de esforço e
mortificação, a fim de se evitar
as tristes consequências da ocio-
sidade, como também, de se que-
bramento de forças para o tra-
balho, o qual prefere sempre se-
guir a lei do minimo esforço.

Capitulo XV.

Sobre a memoria e a imaginação.

A faculdade que temos de con-
servar e reconhecer as phantasmas
ou as imagens dos objectos, chama-
se memoria, e a que representa
e combina as accões esternas,
que, chama-se phantasia ou
imaginação.

A memoria, segundo que se refere
a conhecimentos adquiridos pelas sen-

tidos ou pela intelligencia, da-se os nomes de memoria intuitiva ou intellectual. Sem estas duas faculdades a vida de relação & apparencia e o homem se convertia em um apparelho puramente mechanico; porque não poderemos pensar sem imaginar, nem nos é possível imaginar, sem pensar, seguindo-se daqui, que, ora, a memoria se em lado actuando sobre a imaginação; ora, a imaginação, por sua vez, actuando sobre a intelligencia; ora, finalmente, uma e outra, como que colligadas; uma, representando os objectos, como se estivessem presentes e associando-os, e a outra, lembrando-os e reconstituindo as suas imagens correspondentes, nos sentiremos attrahidos por estes mesmos objectos ou os repelliremos, segundo que, pela experiencia passada, nos são ou não convenientes ou convenientes á nossa natureza racional.

Daqui se deduz a necessidade e o dever que temos de proceder com muito cuidado e critério em relação ás apuracões e os factos destas duas faculdades, origem de todo o bem e de todo o mal, que podem si ou em seus effectos, como prometter unicamente a nossa natureza de ser que pensar, sentir e querer; pois, ellas representam um vastissimo campo, onde o merito e o demerito encontram a sua razão de ser.

Pelo que, dominar sobre a mem-
ria, tanto intellectual como
sensitiva, e de tal forma que
nã nos utilizemos d'ella, nem para
nos lembrarmos de cousas que nos
possam ser prejudiciaes e nem para
omitirmos que ella ^{se possa, em actividade} ~~se possa, em actividade~~
~~se possa, em actividade~~ espontaneamente de
sua vontade e de sua
muito avançada, a qual presu-
põe uma ^{grande} mortificação não vel-
gar e que muito contribuirá
para resistir efficazmente as
más inclinações e deter as impe-
tões das paixões desordenadas.
Aqui é que, todo aquelle que
aspira viver e cabalmente
e unir se intimamente com
Deus, e meuaru que, desde os
inícios de sua conversão, volte
toda a sua attenção e actividade
espiritual para este ponto. Pois,
da mortificação da memoria
depende a boa orientação da
imaginação; porque se a memo-
ria não der aqaa a imaginação,
ella permanecerá sempre afiada
e comedida em nos actos, presta-
do se somente ao que é útil,
honroso e consentâneo a natureza
racional.

Capitulo XVI

Attractivos do sexo.

Não ha duvida que a di-
versidade de sexo, exerce uma
muita influencia, que muitas
vezes, se torna assaz perigosa
para certas pessoas.

E é por este motivo que a
Religião prega e recomenda
a modestia e a compostura tanto

moral como physica, p. 14.
particularmente na sua feminidade e
se ^{convém} resiste contra seus usos,
costumes e abusos com que os
homens se eschibem em pu-
blicos.

E não sem razão, porque, se a mu-
lher só por si constitua um attrac-
tivo para o homem; ainda mais
o attrahirá, se para agradarem
as mulheres se apresentarem de
tal forma que em vez de agra-
darem ao homem, como ra-
cional, o desagradam; muito
embora, como ser racional, não
discern de ~~se~~ certo se in-
clinado ao mal. Porque neste
caso, não são os sentimentos
que lhe vêm pela intelligencia,
senão pelas sentidas mal repri-
tadas, que prevalecem, ainda
que contra a sua vontade. E
dahi se inclig razão que delle
se apartem contra estes abusos
e falta de compostura, mas
quellas forças que devesão pre-
valer pela moralidade e o recto.

Porque, lidando com estas crea-
turas, insensíveis instinivamente
ao mal, ainda qu^m se trate de
matéria grave (como mesmo ve-
nial, e prudente evitar tudo
aquillo que de alguma forma
pode tornar consciente e sentir
um pondor ou inclinação vicia-
da, dada a culpa da origem,
em relação aos attrahentes
do uso; tornando-se muito
fácil passar de ~~um~~ ^{um} ~~sempre~~
recusar-se não se por accão,
e mais principalmente por passio-
namento a não se recuar de certas passio-
es.

Capítulo XVII.

O sentido do tacto.

O sentido do tacto, pela sua extensão illimitada, com relação ás varias partes do organismo, pode ser considerado como um prolongamento das cutículas queratinizadas, e das, delicadas, cujas apunçoadas, em ultima analyse, fazem o homem em contacto com o animal, rivalando-o e confundindo muitas vezes com elle.

Subserviente de todas as outras sentidos, não pela predilecção que temha para com elles, nem, pelo proprio interesse e o desejo insaciavel dos prazeres, desde a adaptação dos órgãos aos seus objectos correspondentes, até os ultimos reductos das paixões illicitas; foi e será sempre para o homem casto que deseja libertar-se das penas da materialia, um dos maiores obstáculos que elle encontrará, em virtude da vida de relação physica e social.

Em todo caso, no recato para com siigo mesmo e principalmente para com as funções de uma desfeita, na fuga, numa palavra das acasariats, não somente proprias, mas tambem proximas, que devido ao temperamento ao seu maior habito ouquirido, elle inventou um meio officioso para não se subjugado e arrastado pelo sentido do tacto.

O sentido da vista.

O que dissemos sobre o sentido da tacto, podemos também affirmar, até certo ponto, com relação ao sentido da vista.

A vista descortina tudo, penetra em tudo e põe em alvoroço todos os outros sentidos, tanto externos como internos, e com tanta efficacia, que se torna, muitas vezes, quasi que impossivel reprimir-se a impetuosidade dos outros sentidos, como que acordados pelo sentido da vista.

Orn, a mortificação é um dos mais adequados meios que possuímos, para reprimir as más devoções perigosas; mas para que a mortificação seja realmente efficaz, é necessário que o individuo a exerça, antes de tudo, para com sigmuno, ainda que se trate de coisas aparentemente indifferentes, principalmente quando se referem á purga d'alma e do corpo. Pois, é impossivel ^{a quem quer que seja} vencer ~~as~~ as tentações e conservar-se casto, sem que recuse muitas precauções.

É os individuos que assim procedem, não são, geralmente, erupulosos, muito embora mostrem uma consciência delicada; que, longe de os affligir, contribue para que se conduzam, em tudo, com muita prudencia e reflexão, desviando logo a attenção quasi que por um habito contrahido, para com toda calma e confiança concentrar-se em seu amoroso

28.
Senhor - o qual elles nunca per-
dem de vista.

E quando se chega a este ponto
no caminho da pacificação, deve-se
agradecer muito a Deus por tão in-
signe favor. Pais, esta graça Deus
Nosso Senhor costuma conceder-lhe
as almas que elle são muito caras,
depois de as haver feito passar
por longos annos, pelo caminho das
mais cruciantes provas.

Capitulo XIX.

Privações necessárias.

A privação de certas cousas,
como a pratica de certos actos,
tornam-se necessárias para quem
está obrigado a praticar a virtude
por algum fim sobrenatural. Porque,
conquanto muitas causas não
sejam por si peccados ou não exco-
dam de peccados veniaes e imper-
feições inherentes a nossa natureza;
com tudo, devido a propria orga-
nização ou ao mau habito ad-
quirido, podem constituir peccados.
Não proximamente de peccados, mas
entrar em tentação. E neste caso,
é necessário prescindir dellas;
e se forem necessárias, é ne-
cessario proceder com muita cau-
tela e não exagual-as nem
estendel-as a cousas que não
são absolutamente necessárias.
E se por ventura, contra nossa
vontade, formos tentados, não
nos pertubemos; mas inconti-
nente vultemos a nossa mente
para Deus, e procuramos prece-
cupar-nos exclusivamente com

281
cortes e inevitáveis; neste caso ca-
so recorram a Deus, e procurem
viver como duas irmãos. E tenham
por certo, que Deus não deixará de
exaudir as suas supplicas, com tanto
que com os factos não contradigam
o que fudem com as palavras isto é,
a continência absoluta; pois, em
virtude das promessas feitas por J. Christo,
e pelas graças annuas no sacramento
do matrimonio, em despois serão
coroadas; por que estas graças sa-
cramentais não se referem somente
a caridade conjugal, mas ainda
a caridade virginal ou a conti-
nência absoluta, somos obrigados
a pratical-a e a praticarmos por
um motivo sobrenatural;

Os medicos podem encerrar as causas
sob o aspecto natural ou physio-
logico, e estão em seu papel;
mas nem por isto, devemos re-
gir, neste caso, o seu parecer;
porque o que com as proprias for-
ças e os meios therapeuticos, não
se pode conseguir, com os rebena-
mentos e a expuração a graça,
não se tornará possível, mas
ainda muito facil e quasi na-
tural.

Sobre a oração.

A oração constitui a mais preciosa alavanca da vida christã. Sem a oração não podemos caminhar, mas se recorremos a ella, tudo podemos obter, ainda mais do que nos pareceia impossível. Pelo que é necessario orar sempre ainda mesmo contra toda expugnacion, com tanto que, confiadas em seu poder e nas promessas de J. Christo, a facemos com confiança, com humilidade e perseverança.

E quanto ao falo da oração constante e perseverante, não intendo referir-me a oração methodica propriamente dita; mas a oração de accasão, que surge do fundo do nosso alma, como aquella proferida por S. Pedro, quando J. Christo passava por aquelle summo mysterio.

E' esta a oração a qual devemos nos habituar, e que sem a oração vocal e ainda mais sem a meditação, nos traz ao menos com fructo, faze-la.

As pessoas que se habituaram a nunca fadarem de vista a Deus, quando menos implicitamente, terão, durante o dia, muitas occasiões de recorrer a ella.

Pelo que desde o inicio da nossa conversão, é necessario que se habituemos a ella, e por ventura, desijam progredir na virtude.

E, se por acaso, esses accaís se tornarem nevados, pade-
damos com prudencia e sem
escargotagem, guardando muita
reserva. E não nos amendoa-
mos; porque, o commum inimigo,
qualmente, só pode tentar - nos
quando encontra um ambiente a-
proprio.

Ora, a falta de modestia para
com nos mesmos, principalmente
quando estamos sós, offerece a sa-
tana um ambiente muito ab-
quado ás suas infames manobras.
Em tais emergencias, é bem dif-
ficil, em geral, resistir á tentação,
porque fomos nos que lhe abrimos
temerariamente a porta.

Capitulo XXI.

Sobre a purga d'alma e de corpo.

Estou plenamente convencida,
pelo facto que tenho observado, que
a castidade ou purga d'alma e de
corpo, não depende somente da boa
verdade e do desejo de sermos castos,
senão das muitas sobrenaturaes suggeri-
das pelas grandes mistes, da vida es-
piritual, as quaes revelam um profun-
do conhecimento da natureza humana
e das suas tendências.

É verdade que muitos destes mistes, não
podrão ser postos em pratica, huma-
namente fallando, por todas, devido
a certas circumstancias independentes
de nossa vontade.

Ha outros, porém, que, com optimos
resultados, não só podem ser postos
em pratica, mas devem ser pra-
ticados por todas as que aspiram
a purificação christã, principalmente

do homem superior sobre o inferior. 32
junior. Porque estas condições são
necessárias, a fim de que se verifique
em cada um de nós, o augmento
da capacidade da nossa alma, ás graças
que nos são concedidas. Pois, esta capaci-
dade já muito reduzida pela culpa de
origem, ainda mais limitada se tor-
nou devido ás culpas individuais, e
um das muitas mais acerbadas e effrenas que
preenchemos, é precisamente para ampliar
a capacidade da nossa alma, consiste
~~em~~ no completo dominio do homem
racional sobre o homem animal.

Pelo que quanto mais o homem se des-
cipir de si proprio, para se unir inti-
mamente com Deus, pela mortificação
e a caridade perfeita, tanto mais
elle ha. de augmentar a sua capaci-
dade animica. E quanto mais ella
augmentar, tanto mais elle sera ca-
paz de receber graças ainda maiores
e mais numerosas.

Acresce i' que, andando na razão directa
a grandiza e o numero das graças,
com ulceão ao augmento da capa-
cidade animica para recebê-las; com-
prehende-se de quanta importancia
seja o dominio do homem sobre si
mesmo; e, por outro lado, quantos
mã devam ser as consequências de-
currentes da falta deste dominio,
sobretudo para aquellas almas, ás
quas Deus se manifesta, de varias for-
mas, muito impellido em conser-
vâ-las ao apice da purificação.

Aqui, en. nas - ha tambem muito
facil deduzir, porque tantas almas
puras, alias muita piedosas, fazem
esforço ou mantem progresso espiri-

tual e sentem difficuldades com a 33.
consciença, ainda mesmo tratando-se
de causas insignificantes e porque
nemhum, as vezes, em culpas graves, não
obstante os firmes propósitos de nunca
mais offendê-lo a Deus.

É a razão está em que ellas conservem
quasi que a mesma capacidade ani-
mica, que possuíam antes da sua con-
versão. E se não obstante isto, não re-
catham, senão raras vezes, em culpas
graves, é porque Deus, retribueendo a
sua fragueza e incapacidade para
resistir as grandes provocações, ascol-
he em condições tais que não venham
a precipitar no mal, aguardando ben-
dosamente o momento favoravel, em
que se torna mais difficil cair em
pecado do que se se conservarem
em graça, pelo augmento da capa-
cidade animica aos efforts da
graça.

É a prova mais evidente que podemos
ter, é que estas creaturas só caem
em culpas graves, quando se expõem
em occasião de fúria.

Deus as detem pelas cabellas sobre o
mar tempestuoso desta vida, para que
como Pedro, apesar de seu fervor,
não venham a submergir-se; pois,
semquanto ellas se mostram as vezes
pouco generosas e promptas para re-
pellido logo no principio as más
tendências e inclinações; não ob-
stante isto, ellas são boas, têm fé,
e nunca transigem com más
culpas e misérias.